

10 NOV 1991

Um museu ^{DF} diferente, que Brasília precisa conhecer melhor

Márcio Cotrim

A gente chega, entra, e logo recebe uma lufada de ar verde.

É o Museu Vivo da Memória Candanga, situado do outro lado da pista do Núcleo Bandeirante. Funciona na imensa área do antigo Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, o conhecido HJKO dos tempos épicos da construção de Brasília.

Se você ainda não foi lá, não sabe o que está perdendo.

Trata-se de verdadeiro santuário, um relicário que lembra a cidade-monumento de Williamsburg, nos Estados Unidos.

Do hospital propriamente dito, lá estão alguns instrumentos cirúrgicos e farmacêuticos utilizados para cuidar da saúde dos heróicos candangos e também para trazer ao mundo os primeiros brasileiros.

A parteira Dona Filomena, que fez nascer quase 2 mil crianças, ainda está por ali, vivinha da silva, e se comove quando conta suas histórias ricas em detalhes e emoção. O médico do hospital, Dr. Edson Porto, também narra pessoalmente sua batalha feroz pela salvação de vidas naquele lugar onde não havia tempo a perder — Juscelino e o Brasil tinham pressa do futuro.

Hoje, tudo isso e mais outros objetos da época



são expostos ao visitante. A cadeira de barbeiro de JK, a reconstituição completa de um quarto do pioneiro Brasília Palace Hotel, malas antigas dos que chegavam de todos os grotões desses brasis, fotos extraordinárias captadas por Mário Fontenele, ampliadas em painéis que retratam com poesia e dramaticidade aqueles anos de otimismo e esperança.

O Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria de Cultura e Esporte do GDF funciona lá, sob a direção competente e serena do arquiteto Sílvio Cavalcante.

Com carinho e desvelo milimétricos em sua minuciosa tarefa, ele e sua equipe vão, aos poucos, restaurando as casinhas de madeira originais do

terreno e construindo outras no mesmo estilo, cada qual em cor viva e diferente.

Gradualmente vai surgindo um povoado singelo de arruamento rústico, onde as pessoas viajam pela gênese de Brasília em meio ao irresistível bucolismo da mata que tudo abraça. Sombra amiga e hospitaleira de grandes árvores antigas, testemunhas da história que ali se fez.

As novas casinhas que brotam nesse universo mágico enriquecem a paisagem e acolhem gente humilde do lugar. São artesãos que passam o dia trabalhando em oficinas de cerâmica, madeira e tecelagem. De suas mãos saem belas peças inspiradas por aquela doce paz e ainda impregnadas pelo ves-

tígio pioneiro que Juscelino deixou em cada pedaço do chão de Brasília.

O Museu Vivo da Memória Candanga, como o nome está dizendo, tem o sopro da vida. Não é apenas um sítio de contemplação, como outros museus, mas uma usina de trabalho artesanal, uma colméia nascida de mãos pobres em recursos mas ricas em amor.

No meio de todo esse mundinho tão particular, um restaurante recém-inaugurado serve refeições ainda mais saborosas graças ao encantador ambiente que o envolve.

Estamos estimulando, com o máximo empenho, o desenvolvimento desse precioso museu. Ainda

este ano novas casas serão inauguradas e numa delas será instalada mais uma filial de rede de lojas Arte Capital.

A iniciativa permitirá o escoamento comercial do artesanato ali produzido, revertendo o resultado da venda em benefício dos artistas que ali trabalham. Nada mais lógico, não é mesmo?

Também pedimos ao Detur para incluir o museu no roteiro turístico de Brasília. Isso fará com que não só os brasilienses frequentem aquele extraordinário parque de lazer e de história, mas também atrairá gente de outras terras, brasileiras e estrangeiras, para conhecer de perto um pouquinho da maior epopéia vivida em nosso País.

Agora, mais uma boa notícia para o leitor: esse museu vai ganhar um irmãozinho. Ele nascerá na Vila Planalto, outro santuário de Brasília, localizada no coração do Plano Piloto.

Ali, num esforço integrado das Secretarias de Cultura e Esporte, do Trabalho e do Desenvolvimento Social do GDF — e da comunidade, é claro — surgirá no correr de 1992 alguma coisa bem parecida que não apenas preservará aquela autêntica ilha de história brasiliense situada a menos de 500 metros do Palácio do Planalto (você sabia?), mas, também se tornará um novo pólo turístico e cultural da cidade.

Depois de prontos, tanto o museu do Núcleo Bandeirante quanto o da Vila Planalto serão exemplos vivos e eloquentes do resgate da memória de Brasília. Mais do que isso, porém, hão de ser instrumentos de trabalho, ocupação de mão-de-obra e uma valiosa obra de grande alcance social.

Em outras palavras, centros de geração de riquezas, de disseminação de cultura e vitrines do que sabe e pode fazer o talento da gente brasiliense.

Mas, por ora, não deixe de anotar na sua agenda um passeio ao Museu Vivo da Memória Candanga. Leve a família, programe um bom descanso com seus filhos e você passará horas inesquecíveis num dos mais acolhedores recantos de Brasília.